

BOLETIM

GEOCORRENTE

26 de agosto de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • N° 146



O quebra-gelo USCGC Healy e a investida dos EUA no Ártico

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE SILVIO LUIS DOS SANTOS

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

JOSÉ MARTINS RODRIGUES JUNIOR (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELA PAULUCCI DA HORA VIANA (UFRJ)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

GUILHERME FRANCISCO PAGLIARES DE CARVALHO (UFF)

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUIZ FILIPE DE SOUZA PORTO (UFABC)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (EGN)

MARIA CLAUDIA MENEZES LEAL NUNES (USP)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

VITOR FERREIRA LENGGRUBER (UCP)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

VITÓRIA DE FRANÇA FERNANDES (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO (PUC-RIO)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINICIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

GUILHERME NOVAES SILVA PINTO (UFRJ)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
A visita do Conselheiro de Segurança Nacional estadunidense à América do Sul	5	Belt and Road Initiative e suas implicações geopolíticas no Sri Lanka	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
Impactos das altas emissões de metano do setor energético mexicano	6	Projeção indiana no Oceano Índico: a construção de uma possível base militar nas Ilhas Maurício	14
Comércio internacional: o setor portuário e o transporte marítimo pós-COVID nos Estados Unidos	7	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
ÁFRICA SUBSAARIANA		Crescente Parceria Estratégica - Estados Unidos e Indonésia	
O papel da Nigéria na busca pela autonomia na segurança do Golfo da Guiné	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
Diplomacia energética da Etiópia: de conflitos às conciliações	9	O quebra-gelo USCGC Healy e a investida dos EUA no Ártico	
EUROPA		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa	
O Brexit e os entraves a consolidação da estratégia "Great Britain"	10	Calendário Geocorrente	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Referências	
Tunísia e a suspensão de seu parlamento: o fim de um sonho árabe?	11	Mapa de Riscos	
RÚSSIA & Ex-URSS			
A Estratégia de Segurança Nacional russa: novo capítulo para políticas climáticas?	11		

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Bruno Gonçalves

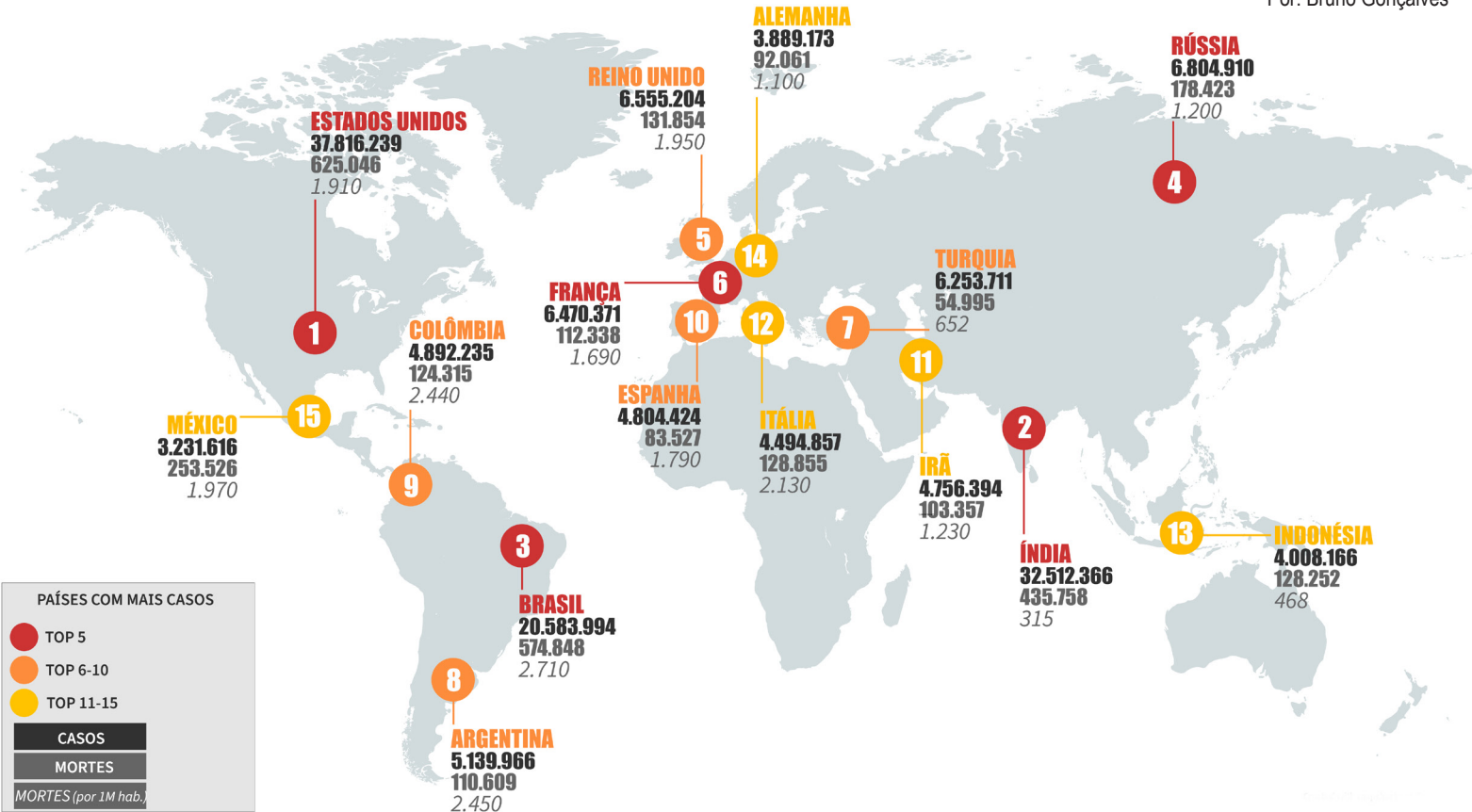


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 25 de agosto de 2021.

Por: Bruno Gonçalves



PAÍSES COM MAIS CASOS

- TOP 5 (Red)
- TOP 6-10 (Orange)
- TOP 11-15 (Yellow)

CASOS (Dark Grey)

MORTES (Light Grey)

MORTES (por 1M hab.) (White)

ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
Ranking dos países com mais doses aplicadas e colocação correspondente à população vacinada				
País	Doses aplicadas*		População vacinada (%)	Vacinas
	(milhões)	(por 100 pessoas)		
China**	1.975,7 (1º)	141	-	CanSino Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac
Índia	588,7 (2º)	43	33 (85º)	Covaxin Oxford/AstraZeneca Sputnik V
Estados Unidos	363,9 (3º)	110	61 (34º)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
Brasil	179,7 (4º)	85	61 (35º)	Johnson&Johnson Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac
Japão	122,2 (5º)	97	54 (50º)	Moderna Pfizer/BioNTech
Alemanha	100,1 (6º)	121	64 (29º)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
Indonésia	91,1 (7º)	34	22 (101º)	Moderna Oxford/AstraZeneca Sinopharm/Beijing Sinovac
Turquia	90,4 (8º)	108	56 (46º)	Pfizer/BioNTech Sinovac
Reino Unido	89,6 (9º)	134	71 (17º)	Moderna Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
França	84,4 (10º)	126	71 (20º)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca

*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).

**O país não forneceu dados sobre o número de pessoas que foram parcialmente ou totalmente vacinadas.

Fontes: Organização Mundial da Saúde; The New York Times

A visita do Conselho de Segurança Nacional estadunidense à América do Sul

José Martins Rodrigues Junior

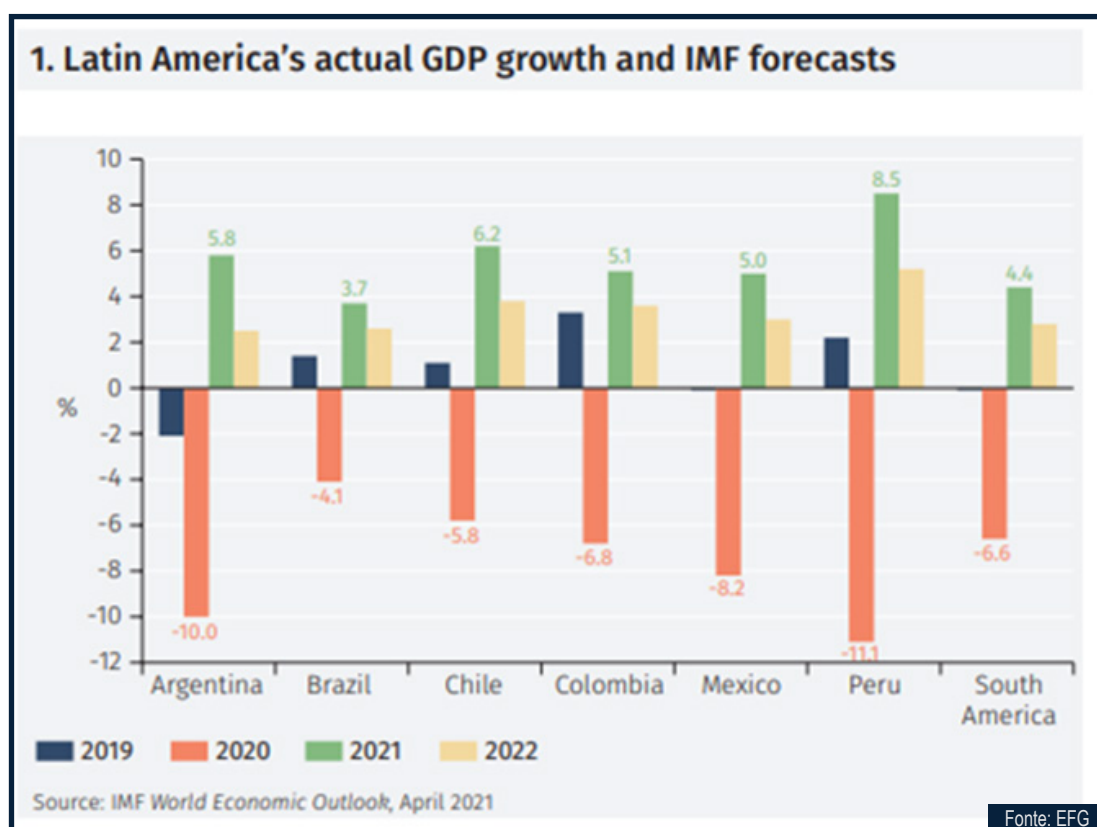
No século XIX, a partir da Doutrina Monroe, os Estados Unidos (EUA) inseriram a América do Sul em sua zona de influência, mantendo esse status por quase dois séculos. Atualmente, tendo em vista o acirramento da disputa hegemônica com a China, os EUA buscam consolidar laços mais profundos com seus parceiros sul-americanos. No início de agosto de 2021, o Conselho de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, visitou a América do Sul para reafirmar essa parceria estratégica. O que essa visita representa para o futuro da política externa estadunidense para com a região?

Em uma perspectiva geral, a visita de Sullivan marca uma virada pragmática da política externa de Joe Biden para a América do Sul. Em 2020, ainda no governo Trump, a visita do então Secretário de Estado, Mike Pompeo, à região fora marcada pela ausência de pragmatismo e possível tentativa de angariar votos de migrantes latinos no processo eleitoral estadunidense, pelo posicionamento anti-Maduro ([Boletim 125](#)). Entretanto, a visita de Sullivan trata, principalmente, de como a América do Sul inserir-se-á internacionalmente em um ambiente pós-pandemia. Dessa forma, foram pautas: a retomada do crescimento econômico, a proteção ao meio ambiente, democracia e o fortalecimento de parcerias estratégicas, sobretudo com o Brasil e a Argentina. Nota-

se, por exemplo, a manutenção da posição de apoio estadunidense à entrada do Brasil na OCDE e ao status de parceiro global da OTAN, o que reafirmaria a aliança do país com os EUA em um contexto de contenção da China no continente.

Além disso, vale ressaltar que a principal pauta da visita foi a adoção da tecnologia 5G. A implementação da nova geração dos sistemas de telecomunicação sem fio exige — necessariamente — a renovação de sua infraestrutura. Assim, os EUA esforçam-se diplomaticamente, como ocorreu na visita de Sullivan, para que os Estados sul-americanos priorizem empresas de países amigos em detrimento das chinesas, visando manter sua liderança nos processos de desenvolvimento tecnológico regional. No entanto, na região, os leilões da tecnologia 5G estão sendo heterogêneos a ponto de ameaçarem as pretensões de Washington de excluir a empresa chinesa *Huawei* nessas licitações ([Boletim 140](#)).

A visita do Conselho de Segurança dos EUA à América do Sul, portanto, representa a retomada do pragmatismo estadunidense, cujo objetivo é a manutenção da sua influência na América do Sul. Questões econômicas, estratégicas e tecnológicas se mostram centrais para sua política externa e ditarão o futuro de suas relações com o continente.



Impactos das altas emissões de metano do setor energético mexicano

Victor Gaspar Filho

Estima-se que a taxa de emissão de metano das operações de produção de petróleo e gás no México seja duas vezes maior que a dos Estados Unidos (EUA), atualmente o maior produtor mundial de hidrocarbonetos. Emissões do gás são responsáveis por aproximadamente 30% do aquecimento global desde a era pré-industrial e seu impacto é 84 vezes superior ao do dióxido de carbono. Chamado de gás poluente de vida curta, sua permanência na atmosfera é de cerca de uma década, contrastando com o tempo de até 1000 anos do CO₂. Quais são as causas e consequências das elevadas taxas de emissão de metano mexicanas?

Cálculos recentes apontam que o México emite cerca de 2% do metano antropogênico global, dos quais cerca de 25% são oriundos do setor de combustíveis. Trata-se do principal componente do gás natural, cuja captura não somente reduziria a poluição atmosférica, como também elevaria a eficiência energética da produção. Cerca de 4,7% do gás produzido no país é liberado na atmosfera, em contraste com uma taxa de 2,3% estadunidense. Atribui-se o fato às altas emissões em instalações intermediárias de coleta, compressão e processamento de gás; ao *venting* (liberação de gás de poços sem capturá-lo); e à queima de gás nos poços (*flaring*). Calcula-se que 1,3 milhão de toneladas de metano são desperdiçadas no México anualmente: cerca de 1/3 de

suas importações de gás natural, ou US\$ 200 milhões.

A falta de transparência e a precariedade da infraestrutura no setor acarretaram um incêndio na superfície do oceano a oeste da península de Yucatán em julho de 2021. A estatal *PEMEX* afirma que, na ocasião, um oleoduto subaquático fora atingido por um raio. A estrutura é conectada ao campo Ku Maloob Zaap, maior produtor de petróleo bruto da empresa, responsável por mais de 40% de sua produção diária de quase 1,7 milhão de barris. Não há informações sobre a duração do vazamento e apesar da *PEMEX* afirmar que o incidente não provocou derramamento, ambientalistas exigem uma investigação, especialmente pelas consequências na vida marinha. Dois outros incêndios em instalações da estatal, um em uma refinaria e outro em uma plataforma, ocorreram desde julho.

É possível que os EUA e Canadá exerçam pressão sobre o México para maior transparência através, por exemplo, do acordo Três Amigos, sobre sustentabilidade energética. Ademais, o presidente estadunidense Joe Biden e o mexicano Lopez Obrador indicaram comprometimento mútuo no combate a poluentes. O posicionamento dos dois Estados em relação à infraestrutura mexicana será fundamental em um contexto global de demandas por sustentabilidade.



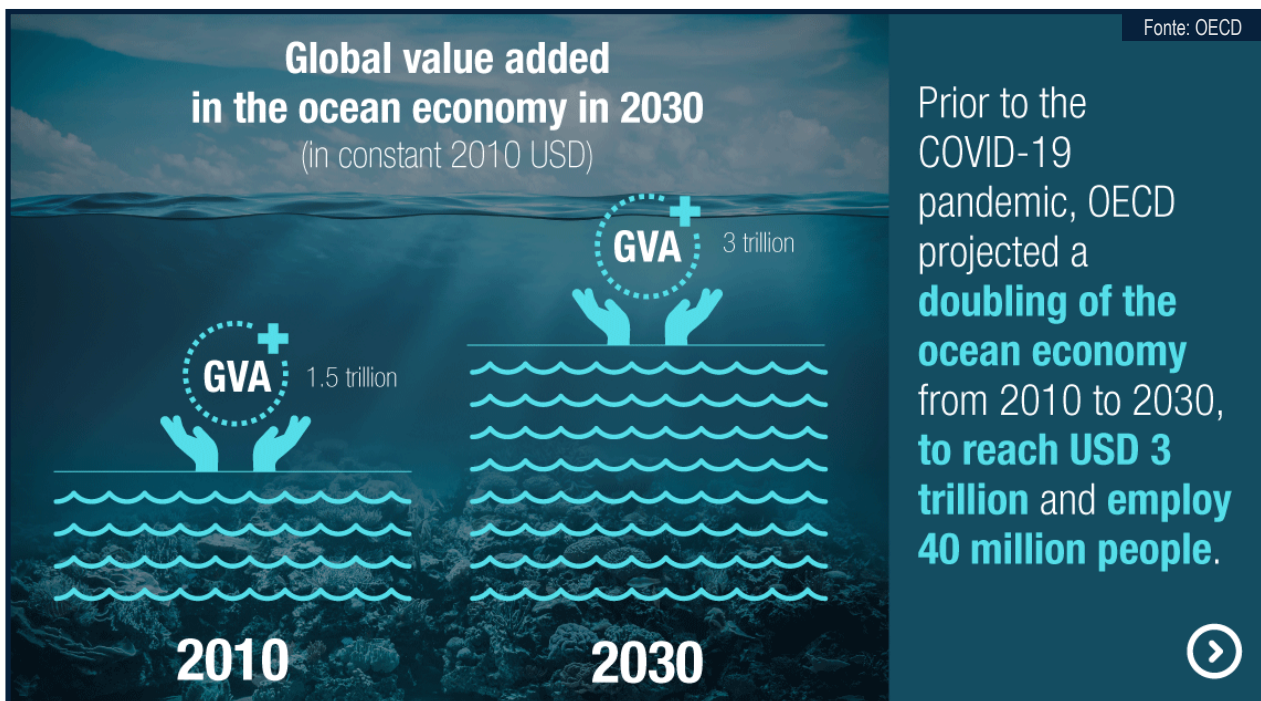
A pandemia da COVID-19 impactou a economia global e as indústrias com base no oceano não foram exceção. De acordo com projeções da *Organisation for Economic Co-operation and Development*, o valor agregado global dessas indústrias dobraria de tamanho até 2030, alcançando US\$ 3 trilhões. Embora as indústrias com base no oceano, principalmente as voltadas ao comércio internacional, tenham sido afetadas por medidas de controle de propagação da doença e pela consequente desaceleração econômica, o ano de 2021 vem sendo marcado pela retomada do setor. Desse modo, como os setores portuário e de transporte marítimo são essenciais para a recuperação econômica dos Estados Unidos?

No primeiro semestre de 2020, o transporte marítimo global sofreu queda de 25%, apesar disso, a retomada das demandas por *commodities* tem ocasionado uma recuperação econômica. Os ganhos diários dos navios *capesizes*, a maior categoria de navios que transportam materiais como grãos e carvão, está em torno de US\$ 31 mil, um valor dez vezes maior que o registrado no começo de 2020. Além disso, pela primeira vez, o Porto de Savannah, na Geórgia, movimentou 5.3 milhões de unidades de containers, com um aumento de 20% do volume de carga, mantendo-se como o porto com escoamento mais rápido dos Estados Unidos. Funcionando

como um motor econômico do país, por fornecer mais de 439 mil empregos, e também pela sua eficiência exportadora que possibilita às empresas estadunidenses a competirem no mercado global.

Além disso, os dois maiores portos do sul da Califórnia, o Porto de Los Angeles e o de Long Beach, apresentaram níveis recordes de congestionamento no número de navios no porto e no ancoradouro. Em 14 de agosto, o complexo portuário bateu um recorde com um total de 68 navios no ancoradouro, em comparação com o recorde de 2015 de 48 navios no total. Dessa forma, em março de 2021, o presidente Joe Biden divulgou um plano de infraestrutura de mais de US\$ 2 trilhões, dos quais serão aplicados US\$ 621 bilhões em infraestrutura de transporte, como estradas e portos. O investimento em tecnologias voltadas à logística e às comunicações faz-se essencial para o incremento da velocidade e precisão das operações, e tem por objetivo a recuperação econômica pós-pandemia.

Portanto, mesmo com o alto grau de incerteza em torno dos próximos anos ocasionado pela pandemia, a economia oceânica, principalmente os setores portuário e de transporte marítimo, por sua função essencial no comércio internacional, possuem grande potencial estratégico como impulsionador econômico para os Estados Unidos.



O papel da Nigéria na busca pela autonomia na segurança do Golfo da Guiné

Isadora Jacques e João Victor Marques Cardoso

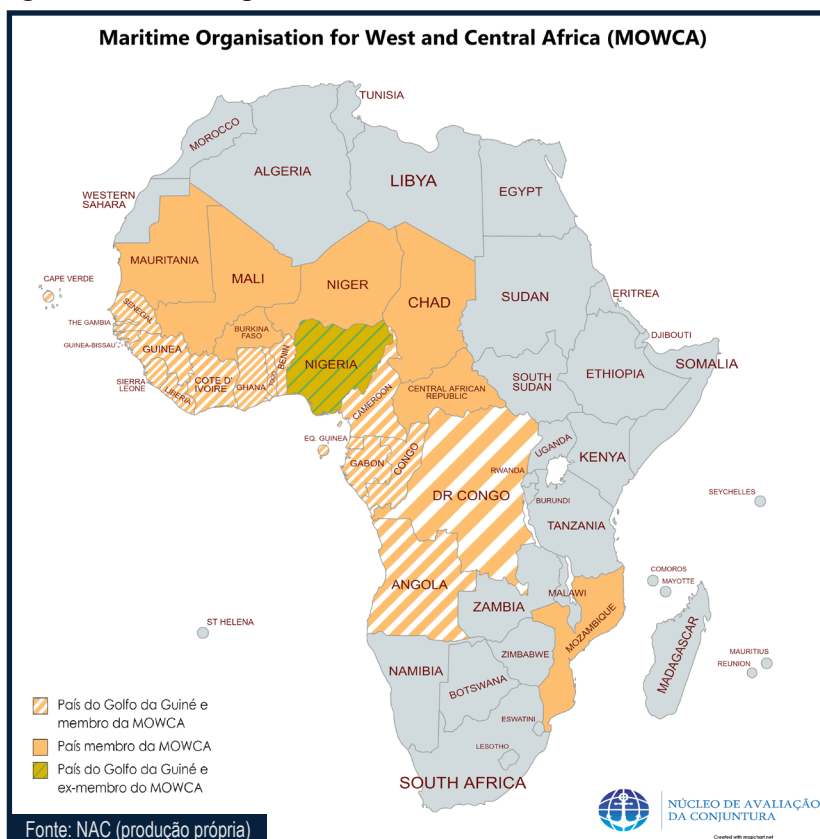
A Nigéria é um ator fundamental para o êxito da cooperação marítima no Golfo da Guiné (GoG). O país tem avançado em políticas de segurança marítima como o *Deep Blue Project* (Boletim 144) e o exercício militar com os Estados Unidos (EUA) realizado no início de agosto de 2021. No entanto, na direção contrária, a recente decisão de se retirar da Organização Marítima da África Ocidental e Central (MOWCA, sigla em inglês) pode implicar em um revés à segurança marítima no GoG. Quais as consequências da aparente ambiguidade da postura nigeriana para a estabilidade do GoG?

O avanço do *Deep Blue Project* sinaliza uma tendência de empenho por parte da Nigéria para a proteção de sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE). A Nigéria, ao lado dos EUA, contando com a participação do navio *USS Hershel "Woody" Williams*, classificado pelos estadunidenses como base móvel expedicionária, o primeiro navio de guerra permanentemente atribuído à área de responsabilidade do Comando Americano para a África (AFRICOM, sigla em inglês), realizou um exercício naval que teve a participação de cinco navios patrulha nigerianos. Para os EUA, a parceria com a Nigéria significa compartilhar a responsabilidade sobre a proteção das Linhas de Comunicação Marítimas (LCM) da região, o que favorece a ambição nigeriana de exercitar sua liderança no GoG. Vale destacar que o acesso do continente africano a mercados relevantes como China e Índia, com grande demanda por recursos

energéticos, depende da segurança do tráfego marítimo, primordial à economia nigeriana.

Entretanto, a tendência para cooperação não se verifica no âmbito regional. O impasse com a MOWCA devido à alegada irregularidade na escolha de seu novo Secretário-Geral, cargo que a Nigéria postula pela primeira vez em 46 anos de organização, gera incertezas acerca da liderança e da busca por autonomia do país. Seu intuito é garantir um serviço de transporte marítimo de baixo custo com alto nível de segurança, em consonância às normas internacionais e à necessidade de exportações estáveis, visto que o GoG é o *hotspot* de pirataria e sequestro de tripulantes. A saída da Nigéria, que contribuiu com US\$ 5 milhões essenciais ao funcionamento da MOWCA na última década, desequilibra os demais 24 países-membros, a maioria deles costeiros; e alguns sem acesso ao litoral, porém todos vinculados às dinâmicas da política regional. Arriscam-se, também, as negociações para a criação do Banco de Investimento Marítimo da MOWCA, idealizado para fomentar a economia azul e a indústria naval da região.

A segurança marítima dificilmente vigorará quando a decisão política pressiona os parceiros regionais e ignorar a interdependência dos diferentes atores abarcados pelo GoG. Uma abordagem marítima holística, capaz de envolver civis e militares, bem como projetos para o desenvolvimento e a segurança, requer necessariamente o aporte financeiro, a expertise e o poder naval nigerianos.



Há uma década foi anunciada a construção da Hidrelétrica Grande Represa do Renascimento Etíope (GRRE), estimada como a sétima maior do mundo em capacidade instalada de geração de energia elétrica, com 6,45 GW de potência, e maior hidrelétrica do continente. O projeto é cercado de conflitos políticos desde seu início, a segurança hídrica do Egito e do Sudão também dependem das águas do Nilo ([Boletim 138](#)). Desse modo, de que maneira a GRRE contribuiria para uma suposta “diplomacia energética” a ser implementada pela Etiópia em seu entorno regional?

A GRRE tem potencial para distribuir energia à parcela da população etíope sem acesso à eletricidade, que equivale a 65% da população total. No entanto, um dos argumentos utilizados por Addis Abeba para viabilizar politicamente a usina são as consequências para além de suas fronteiras: A represa — cujo custo é de aproximadamente US\$ 4 bilhões — tem capacidade de levar eletricidade para toda a região e continente africano. Tal aspecto é relevante politicamente, pois, segundo a Agência Internacional de Energia (AIE), quase 800 milhões de africanos não têm acesso à energia elétrica. Assim, a Etiópia poderia usar seu potencial elétrico como barganha diplomática. O Sudão, por exemplo, país com

déficit de eletricidade, confirmou interesse na compra de 1 GW dos etíopes. Em agosto de 2021, especialistas sudaneses irão à Etiópia discutir a construção de uma linha de transmissão de alta tensão, avaliada em US\$ 550 milhões, para conectar os dois países. Se esse acordo vigorar, será uma vitória diplomática da Etiópia.

Além do Sudão, há outros Estados atraídos pela iniciativa. A Etiópia está construindo linhas de transmissão, com capacidade de 2GW, para a Tanzânia, tendo o mercado da África do Sul como objetivo futuro. O Quênia, quinta maior economia da África, e o Djibouti, importante *hub* logístico e militar, iniciaram as negociações sobre o fornecimento de eletricidade. Ademais, o Sudão do Sul e a Somalilândia — região separatista da Somália — demonstraram interesse nas tratativas de compra.

Evidencia-se que apesar dos impasses diplomáticos com o Egito e o Sudão, no que diz respeito à questão hídrica da construção da GRRE, o potencial energético da Etiópia tem se transformado em um ativo de conciliação entre esses países. Ademais, essa diplomacia energética extrapola e angaria parceiros em diversas regiões do continente, fazendo com que países apoiem Addis Abeba.



O *Brexit* e os entraves a consolidação da estratégia "*Great Britain*"

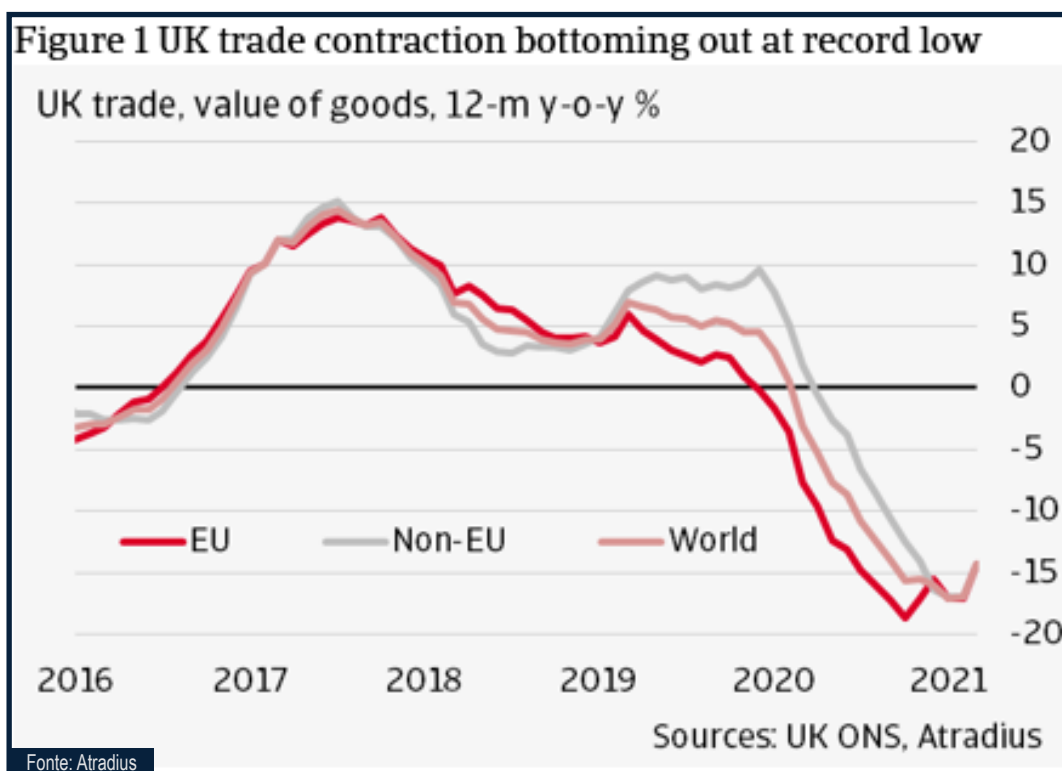
Marina Autran e Guilherme Carvalho

Com a saída oficial da União Europeia completando mais de um ano e meio, o Reino Unido vem enfrentando diversos obstáculos para manter sua histórica postura econômica liberal. Com sua campanha de marketing e estratégia política "*Great Britain*", Londres baseia-se principalmente no fortalecimento das estruturas de comércio exterior mais diversa. De que maneira o *Brexit* vem alterando a dinâmica dessa postura?

Como desdobramentos do *Brexit*, acordos comerciais com a União Europeia (UE) e outros países foram cancelados. Se anteriormente, os europeus poderiam contar com menor burocracia aduaneira, facilitação de pagamentos, moeda relativamente mais barata e excelente ampliação de mercado consumidor ao atuarem no espaço Schengen, agora precisam lidar com um país detentor de uma moeda fortemente valorizada e uma intensa insegurança jurídica em questões aduaneiras — haja vista a própria fragilidade exposta na questão fronteiriça da Irlanda. Como exemplo, ao final de março, o Centro Oficial de Estatísticas da Irlanda indicava uma queda de 65% das importações advindas do Reino Unido.

As relações entre os países que compõem o Reino Unido também foram afetadas com o *Brexit*. O principal problema continua vindo da Irlanda do Norte, por conta do embate entre UE e o governo britânico envolvendo o *Northern Ireland Protocol*, que criou uma fronteira entre a ilha britânica e a Irlanda do Norte ([Boletim 135](#)). No final de julho, o Reino Unido rejeitou uma série de propostas feita pela UE para facilitar a implementação do protocolo e pediu sua renegociação. Ao mesmo tempo, a UE pausou a ação legal iniciada em fevereiro, com o objetivo de abrir espaço para negociações.

Como é possível observar, a saída do Reino Unido da UE ainda vem demonstrando reflexos. Além de estar afetando as relações com o bloco europeu, esse impasse também mantém altas as tensões sociais na Irlanda do Norte. Outros aspectos tocam em uma área extremamente importante — o comércio internacional, elemento vital para o prosseguimento da estratégia "*Great Britain*". Portanto, a preocupação com o *Northern Ireland Protocol* afeta não somente as relações do Reino Unido com a UE, mas a região como um todo.



Tunísia e a suspensão de seu parlamento: o fim de um sonho árabe?

Adel Bakkour

Dez anos se passaram desde o início da Primavera Árabe. Iniciada em um país pouco conhecido da África do Norte, o movimento alterou a geopolítica regional no mundo árabe. A Tunísia é o único dos países que passou pela Primavera Árabe e conseguiu seguir, até então, sem intervenções externas ou guerra civil, além de não ter se tornado uma nova ditadura militar, como o Egito. Entretanto, em julho deste ano, o presidente eleito em 2019, Kais Saied, suspendeu o Parlamento e demitiu o primeiro-ministro, acusando-o de tentativa de golpe contra a Constituição e a democracia. Ademais, anunciou um toque de recolher por um período de um mês e prometeu formar e nomear um novo governo em breve. Seria esse o fim da Primavera Árabe, terminando exatamente da mesma maneira que começou?

Desde 2011, o país apresentou uma revolução madura e organizada em suas manifestações e demandas políticas, chegando até mesmo a alcançar as primeiras eleições presidenciais democráticas legislativas no mundo árabe em 2014 e, recentemente, em 2019. Além disso, a democracia tunisiana representa uma ameaça aos governos autoritários de toda região, na medida em

que pode influenciar novamente uma resistência social e civil aos seus vizinhos do Oriente Médio e Norte da África.

Assim, as decisões do presidente Saied nesse momento crítico de crise econômica no país, com alto desemprego e a pandemia, trazem dúvidas à sociedade sobre seu propósito. Ele promete mudanças e melhorias nas condições no país como o combate à corrupção e às conspirações contra o povo tunisiano, mas a sua atitude é preocupante. Isso porque, esse discurso representou a mesma narrativa de alguns governos ditatoriais na região, como o ocorrido no Egito. Assim, a movimentação de Saied eventualmente poderia indicar o início de um golpe, o que retrocederia resultados de anos de luta pela democracia e eleições no país.

Se esse for o caso, é possível que os avanços ao longo dos últimos dez anos sejam perdidos. Um fim trágico para a Tunísia representa, não somente, um retrocesso aos tunisianos, mas também que a Primavera Árabe, a qual trouxe tanta esperança para os povos da região, fecharia seu ciclo no mesmo país em que começou.

DOI 10.21544/2446-7014.n146.p11.

RÚSSIA & EX-URSS

A Estratégia de Segurança Nacional russa: novo capítulo para políticas climáticas?

Luiza Guitarrari

A mudança climática pretende ser uma das principais pautas do futuro estratégico russo. À medida que diversos países experimentam uma temporada atípica de incêndios florestais, provocadas pelo calor extremo e períodos de seca ([Boletim 144](#)), a Rússia atravessa sua pior crise ambiental do século. Segundo dados do *Center for Strategic & International Studies (CSIS)*, o território russo está aquecendo 2,5 vezes mais rápido do que esperado e, neste verão, a temperatura chegou a subir até 6° C acima do normal. Enquanto 52° país no Índice de Desempenho de Mudanças Climáticas, torna-se imperativo que Moscou vislumbre as questões ambientais como uma prioridade. Nesse âmbito, o que esperar da Estratégia de Segurança Nacional russa?

Promulgada em 02 de julho de 2021 pelo presidente russo, Vladimir Putin, a Estratégia de Segurança Nacional 2021 representa uma atualização significativa da Estratégia de 2015. O documento de 44 páginas tem como foco a Rússia e seu contexto interno, versando sobre desenvolvimento econômico, demografia, política, soberania e meio ambiente, sendo a primeira vez que o governo russo endereça mudanças climáticas ao nível

estratégico. Responde, portanto, às pressões comerciais sofridas pelo país em direção à neutralidade de carbono, uma vez que seus principais parceiros comerciais manifestaram sua ambição em tornar-se países de carbono neutro até 2050. Nessa mesma esteira, seu maior mercado de gás natural, a União Europeia, já estuda implementar impostos sobre importação de carbono aos países retardatários em políticas climáticas, o que poderia provocar um oneroso em bilhões de dólares à economia russa.

Além disso, de acordo com o vice-ministro para o Desenvolvimento do Extremo Oriente Russo e Ártico, Alexander Krutikov, os danos climáticos podem custar mais de US\$ 99 bilhões à Rússia até 2050. Isto porque, apenas este ano, as queimadas nas regiões da Sibéria e do Extremo Oriente russo devastaram mais de 11,5 milhões de hectares. Colocando sob estado de emergência a região de Yakutia, onde os incêndios florestais podem acelerar o degelo do permafrost siberiano, além de ameaçar infraestruturas críticas, como ferrovias, gasodutos e oleodutos. Representa, portanto, um grande risco à população e à sua segurança alimentar, comprometendo »

o comércio de trigo russo, que representa 20% das exportações globais.

Diante do exposto, é observável a importância da promoção de políticas climáticas na Rússia como uma importante interface entre Economia, Segurança

e Energia. Desse modo, o novo documento estratégico russo representa um novo passo para o desenvolvimento doméstico e cooperação internacional no âmbito climático.



DOI 10.21544/2446-7014.n146.p11-12.

Evgueni Primakov e a cooperação sino-russa

Pedro Martins

Durante parte da Guerra Fria, Rússia e China foram aliadas dentro do bloco comunista. No entanto, questões geopolíticas afastaram os dois gigantes, ensejando o “Cisma Sino-Soviético” durante os anos 1960. Atualmente, a parceria bilateral se mostra mais intensa do que antes dessa ruptura. Quais os interesses que explicam a aproximação entre os dois Estados e como isso impacta a estabilidade do sistema internacional?

Entender a cooperação entre Moscou e Pequim passa por compreender o pensamento de Evgueni Primakov (1929-2015), ex-chanceler e ex-primeiro-ministro da Federação Russa no final dos anos 1990. Para esse estadista, a Rússia era uma potência mesmo que estivesse enfraquecida e, sendo assim, deveria ter uma política externa de acordo com o seu status. Posteriormente, tal pensamento deu origem ao chamado “Triângulo de Primakov” pelo qual o país se aproximaria da China e Índia como forma de conter o avanço do Ocidente em direção aos países da antiga Cortina de Ferro ([Boletim 119](#)). A relação bilateral entre os dois países só foi normalizada em 2001, dando início a um período de intensa aproximação. O último episódio dessa relação foi a realização do *Zapad/Interaction 2021*, exercício conjunto no Norte da China entre os dias 09 e 13 de agosto.

Apesar do histórico recente de aproximação, o atual status do relacionamento sino-russo é complexo e marcado por uma dualidade estratégica. Existe uma relevância mútua entre os dois países: na medida em que a China se tornou o maior parceiro comercial individual da Rússia, Moscou foi a maior exportadora de armas para Pequim. Ao mesmo tempo, no entanto, ambos os países competem por influência na Ásia Central, tendo a China deslocado a Rússia como maior parceira comercial dos países da região, em que pese a influência política e militar desta ser mais consolidada do que aquela. Como reação ao avanço chinês, pode-se observar uma tentativa russa de normalização das relações com o Ocidente — como pode ser demonstrado pela realização da Cúpula Putin-Biden, as tratativas para o estabelecimento de um novo START e a conclusão da disputa envolvendo o gasoduto *Nordstream 2* ([Boletim 140](#)).

O exercício militar realizado no Norte da China demonstra a dualidade e a conveniência de tal relação. Ao mesmo tempo que os dois países são mutuamente relevantes no campo militar e econômico, existe uma competição entre as duas potências na Ásia Central por influência. A competição sino-russa na região tem levado Moscou a se reaproximar do Ocidente, reeditando às avessas o “Triângulo de Primakov” dos anos 1990.

DOI 10.21544/2446-7014.n146.p12.

Belt and Road Initiative e suas implicações geopolíticas no Sri Lanka

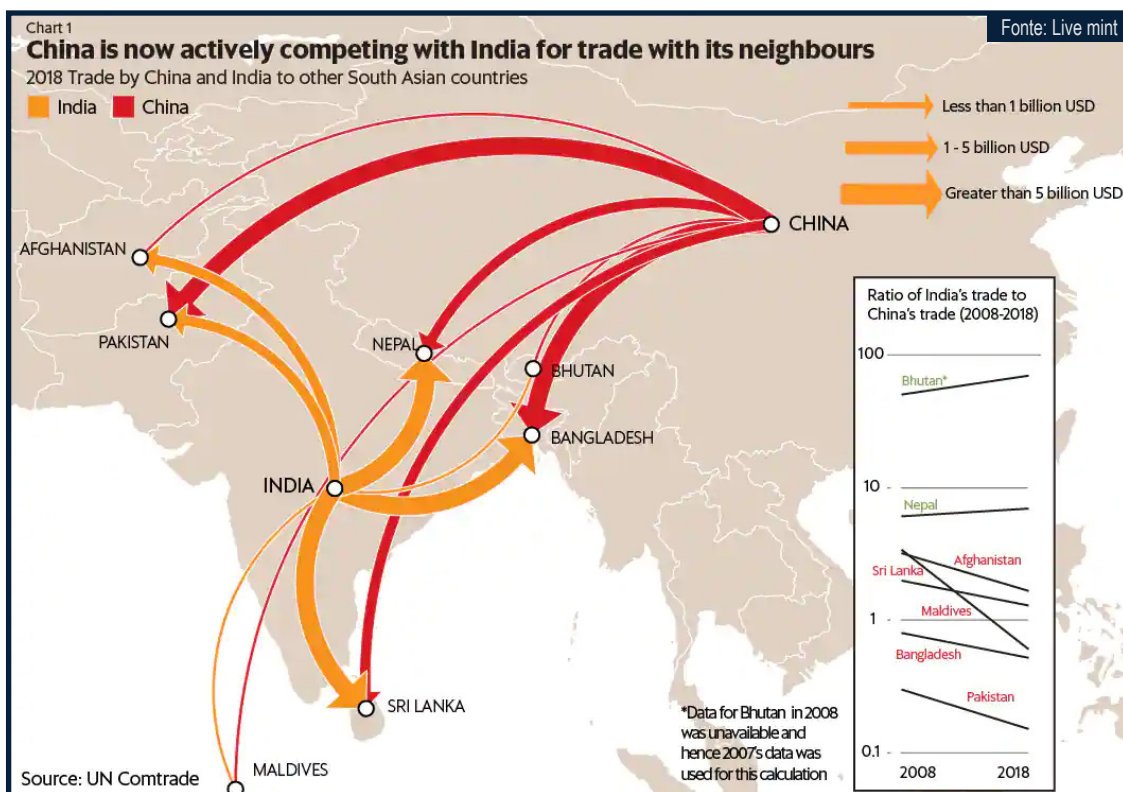
Filipe Porto e Iasmin Gabriele Nascimento

Em maio de 2021, o parlamento do Sri Lanka aprovou o projeto de lei *Port City Bill*, declarando que cerca de 270 hectares de terra — que antes eram parte do oceano — seriam anexados à Colombo, capital do país, formando, assim, a primeira Zona Econômica Exclusiva do país para serviços industriais. A lei gerou controvérsias com a oposição política nacional, que apontou questões sensíveis de soberania, ao passo que no centro da disputa encontram-se amplos investimentos de infraestrutura do projeto chinês *Belt and Road Initiative* (BRI). Ressalta-se que o Sri Lanka tem apoiado integralmente a BRI desde seu início, construindo em cooperação com a China uma série de portos, hidrelétricas, rodovias e outros projetos de infraestrutura. Nesse sentido, cabe questionar as implicações geopolíticas acerca dos investimentos da BRI no país.

Grande parte dos analistas criticam a BRI, apontando-a como uma armadilha para dívidas nacionais, através de empréstimos e financiamentos, que promovem níveis de endividamento insustentáveis e condições de negociação predatórias aos países receptores de seus investimentos, ponto fortemente ressaltado pelos opositores políticos cingaleses. Por outro lado, nota-se que os investimentos de Pequim desempenharam um papel crucial no

desenvolvimento econômico do Sri Lanka na última década e no incremento do comércio bilateral. A China se tornou o principal parceiro de importação do Sri Lanka nos últimos dois anos, aspecto de complementaridade considerável. Cabe mencionar ainda que a China ultrapassou a Índia como maior fonte de investimento estrangeiro direto do Sri Lanka, em 2011, levantando preocupações em Nova Délhi, principalmente por aspectos estratégicos, como a proximidade geográfica e o compartilhamento de rotas marítimas comerciais importantes com o vizinho cingalês.

De forma geral, o Sri Lanka carece de tecnologia para a construção de grandes projetos de infraestrutura e procurar por alternativas de investimento tradicionais, como o Fundo Monetário Internacional ou o Banco Mundial, poderia ser mais caro e demorar mais tempo. Os investimentos chineses são bem-vindos, sem marginalizar as críticas que apontam para a complexidade da situação. Vale destacar que a aprovação da *Port City Bill* é considerada uma grande preocupação diplomática e estratégica para a Índia, pois ter outra potência projetando poder no Sri Lanka pode instigar tensões na região. Cabe ao país insular seguir discutindo sua política externa para manter ou redefinir suas relações exteriores.



Projeção indiana no Oceano Índico: a construção de uma possível base militar nas Ilhas Maurício

Rebeca Leite

Em 2018 surgiram especulações acerca da construção de uma possível base militar indiana nas Ilhas Maurício, na costa africana do Oceano Índico. À época, tanto representantes da Ilha quanto o governo indiano, afirmaram que se tratava apenas de uma infraestrutura para beneficiar os ilhéus. O fato é que o empreendimento é uma materialização dos objetivos indianos previstos no "Modi's 2016 vision for the Indian Ocean", um planejamento articulado sob a égide do *Security and Growth for All in the Region* (SAGAR). Um dos principais objetivos desta doutrina de cooperação marítima é que a Índia consiga estabelecer boas relações com países do Oceano Índico ([Boletim 135](#)).

Assim, em agosto de 2021, imagens de satélite revelaram que nos últimos dois anos a Índia iniciou a construção de uma pista de pouso de aproximadamente 3 km, um porto que se conecta ao cais, instalações de logística e comunicação de inteligência que, segundo informações, serão destinadas a fins militares. Com um orçamento estimado em US\$ 250 milhões, a pista de pouso tem capacidade de receber aeronaves P-81, para patrulha marítima.

Independentemente de o governo assumir ou não

se tratar de um empreendimento com fins militares, pode-se apontar algumas questões geopolíticas. O projeto poderá facilitar o patrulhamento marítimo próximo ao Canal de Moçambique e, ainda, as rotas de navegação pela África Austral, que atualmente respondem a uma parte significativa das importações de energia. As instalações devem permitir que o Exército e a Marinha Indianas operem a partir desta área para, juntamente com outros empreendimentos e laços diplomáticos indianos no Oceano Índico, possam contrabalançar a presença chinesa na região. Cabe mencionar que em 2017, a China adquiriu sua primeira base no exterior, em Djibouti, o que naturalmente endossa tal iniciativa.

Nota-se que a Índia está seguindo as premissas indicadas em sua Estratégia de Segurança Marítima, lançada em 2015, na qual o Canal de Moçambique e a costa leste da África são áreas de interesse político. E ainda que por ora não se assuma o perfil militar deste empreendimento, a base em Agalega poderá sustentar suas projeções na região e aprimorar sua consciência situacional marítima, bem como a vigilância, em uma área fundamental em meio à expansão chinesa na África.



Crescente Parceria Estratégica - Estados Unidos e Indonésia

Gabriela Veloso

A presença crescente de Pequim no Mar do Sul da China (MSC) tem preocupado não só os Estados Unidos (EUA), mas até mesmo países do Sudeste Asiático que não têm reivindicações diretas no MSC. Neste último mês, as duas potências realizaram exercícios militares na região. Novas parcerias militares apareceram, mas uma que merece destaque é a cooperação entre os Estados Unidos e a Indonésia. Quais os desdobramentos dessa aproximação para a estabilidade política do Sudeste Asiático?

Desde 2018, com a ajuda recebida dos EUA para construir um centro de treinamento marítimo na Base de Ambon, os laços militares entre os dois países vêm se estreitando. O segundo semestre de 2021 denota mais evidentemente esta aproximação com a realização de três operações de treinamento conjuntas.

Em junho, a Força Aérea dos Estados Unidos e a da Indonésia conduziram um exercício conjunto que durou duas semanas, envolvendo caças F-16, em Pekanbaru, na Ilha de Sumatra. O mês de agosto foi ainda mais intenso. Na primeira semana ocorreu o *Garuda Shield 15*, o maior treinamento que já aconteceu entre os dois exércitos, com mais de 4.500 soldados. Ainda em agosto, decorreu o exercício militar de Cooperação e Treinamento do Sudeste Asiático (SEACAT, sigla em inglês). É importante notar

que o exercício coincidiu com o treinamento militar sino-russo na região de Ningxia. O SEACAT, liderado pelos Estados Unidos, contou com a participação de forças da Marinha de 21 países, incluindo potências como Reino Unido e França.

A Indonésia tem relações robustas tanto com os Estados Unidos quanto com a China e, mesmo parecendo que está se aproximando dos estadunidenses, ao menos militarmente, o país insiste em definir sua posição como não-alinhada. A própria ministra das Relações Exteriores indonésia, Retno Marsudi, em uma reunião no último ano, chegou a afirmar que a ASEAN não quer ficar presa em uma rixa entre as grandes potências.

Somado a todos os exercícios militares realizados em cooperação, os dois Estados estão construindo, ainda, um centro de treinamento da Guarda Costeira em Batam, centro industrial e de transporte, no extremo Sul do Mar do Sul da China.

De toda forma, observa-se uma tentativa estadunidense de aumentar sua presença na Indonésia — que já vem formando novos laços ([Boletim 137](#)) — para conter a influência da China no MSC, enquanto Pequim espera que Jacarta se mantenha, no mínimo, com o status de não-alinhado.



O quebra-gelo *USCGC Healy* e a investida dos EUA no Ártico

Raphaella Costa

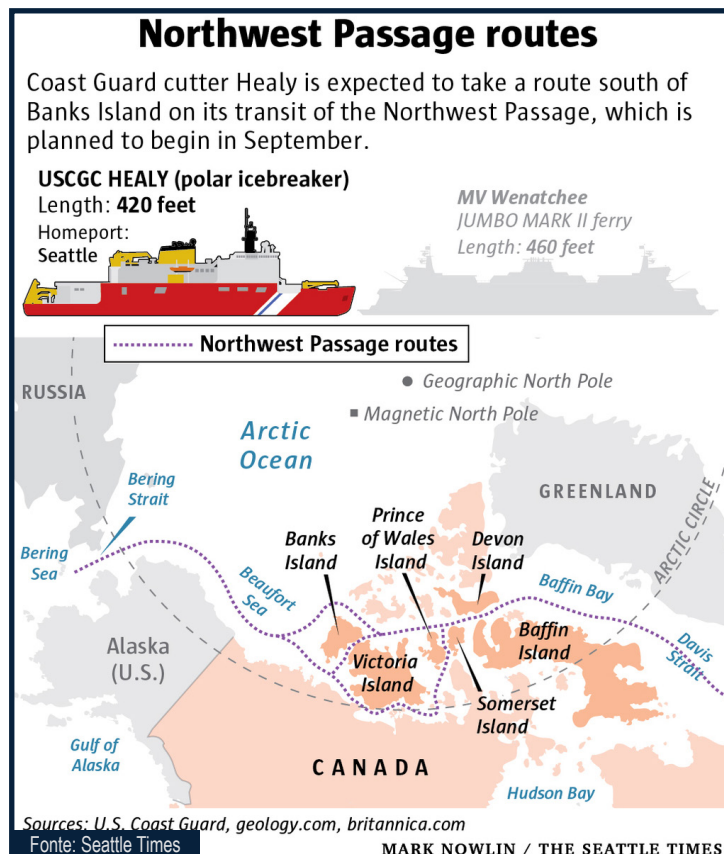
O investimento em embarcações com capacidade polar é fundamental para a soberania nacional em se tratando do ambiente ártico. O quebra-gelo *USCGC Healy* da Guarda Costeira dos Estados Unidos partiu em 10 de julho de 2021 para a missão de circum-navegação da América do Norte por meio da Passagem Noroeste e do Canal do Panamá. Assim, de que forma o investimento em novas tecnologias polares compõe a estratégia estadunidense para o Ártico?

A travessia do Oceano Ártico pelo quebra-gelo *USCGC Healy*, baseado em Seattle, ocorrerá após o incêndio de 2020 que danificou a embarcação. Recuperado, o quebra-gelo promete alcançar o Ártico em setembro deste ano utilizando a Passagem Noroeste, na costa canadense, com o objetivo de conduzir missões científicas e de pesquisa nas altas latitudes, bem como participar de exercícios militares e intercâmbios profissionais com as marinhas estrangeiras. A missão promoverá, portanto, os interesses dos EUA ao longo de sua fronteira marítima com a Rússia, notadamente firmando sua soberania frente a este outro gigante ártico.

A investida estadunidense em tecnologias de quebra-gelo para o Ártico está de acordo com a estratégia *Arctic Blueprint 2021*, lançada pela Marinha dos Estados Unidos em janeiro de 2021. O documento estabelece as

diretrizes de atuação dos estadunidenses na região a partir de um cenário de progressivas mudanças ambientais, acompanhadas por novas estratégias geopolíticas. Este destaca, ainda, a necessidade de cooperação com outras nações a fim de alcançar êxito mútuo de exploração científica para aumentar a compreensão sobre os impactos das mudanças climáticas, ao mesmo tempo em que ressalta a imprescindibilidade do investimento em novas embarcações com capacidade polar. O quebra-gelo *USCGC Healy*, encomendado em 1999, é uma das duas únicas embarcações deste tipo ativas na frota da Guarda Costeira, junto com o *USCGC Polar Star*, um navio quebra-gelo de grande porte comissionado em 1976.

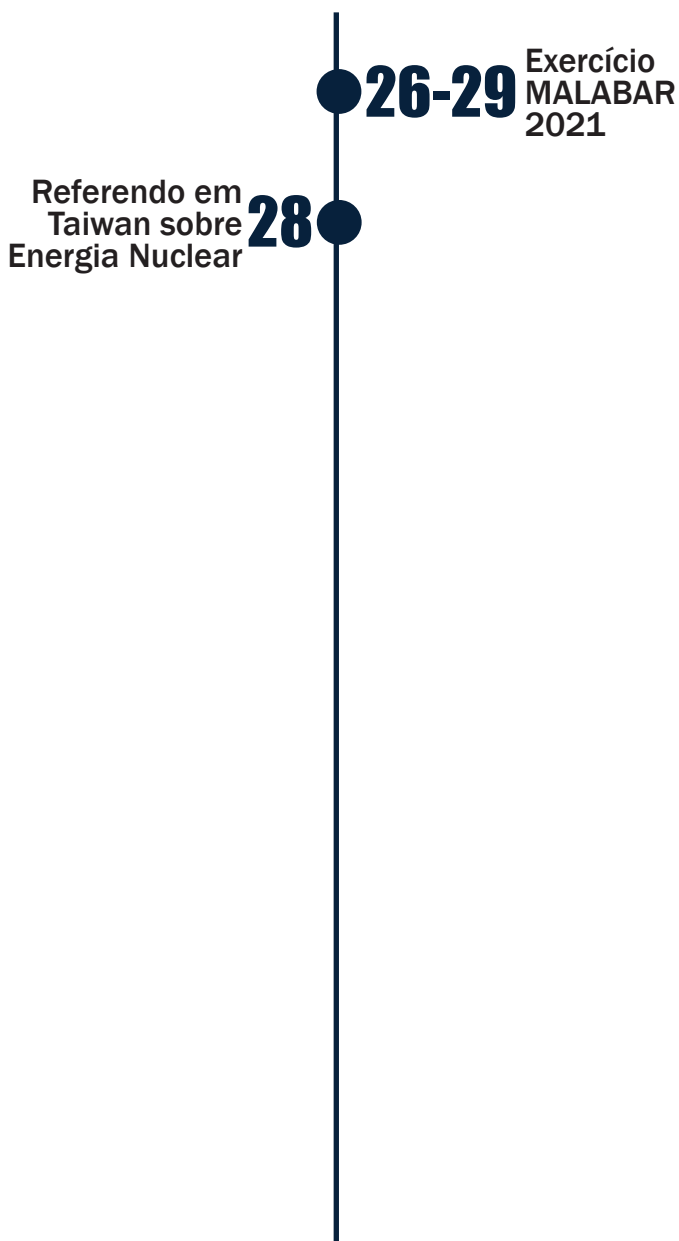
Desta forma, os estadunidenses devem buscar garantir uma força naval suficientemente robusta, capaz de se contrapor aos mais de quarenta navios quebra-gelos que compõem a frota da vizinha Rússia. Ainda que o país se encontre muito atrás de outras nações em termos de aparatos tecnológicos para o Ártico, o retorno do *USCGC Healy* à composição das forças polares dos EUA faz parte de uma projeção para a recapitalização dos quebra-gelo a fim de garantir acesso contínuo às águas árticas, de forma a proteger os interesses econômicos, comerciais, ambientais e de segurança nacional dos estadunidenses.



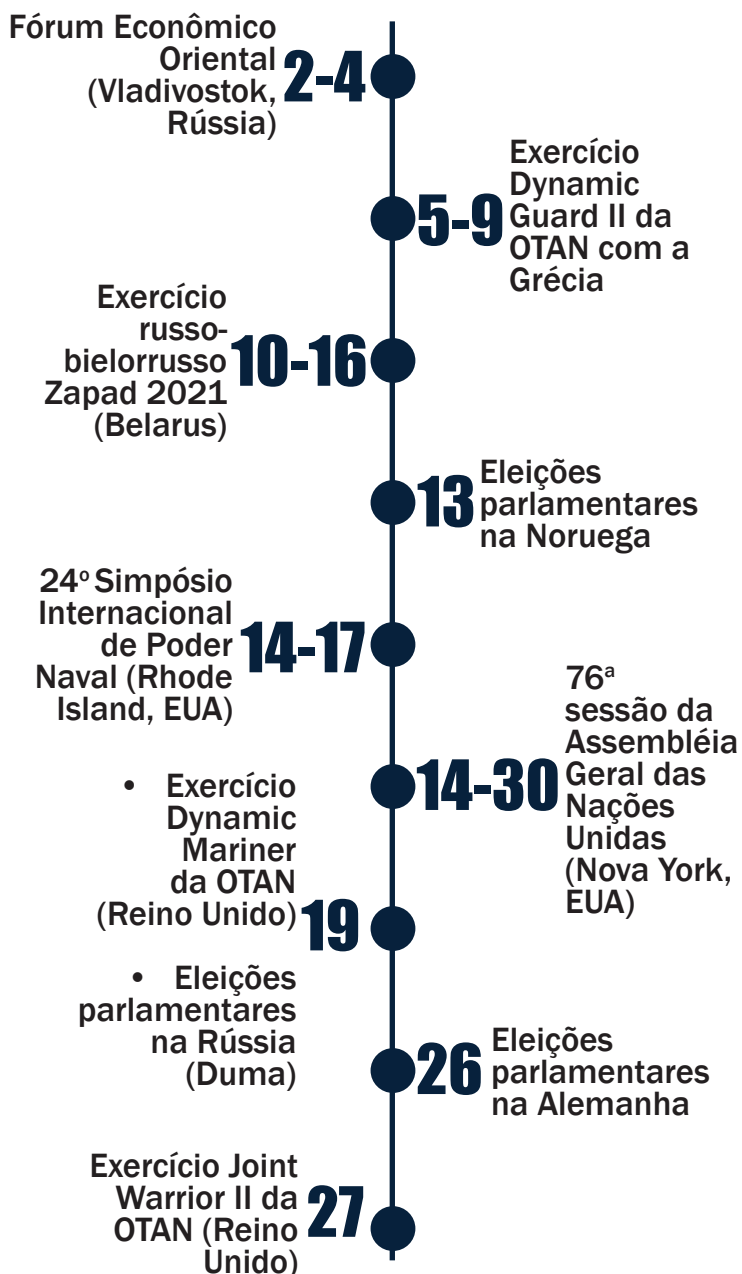
- ▶ [European naval auxiliaries: heading for replenishment at last](#)
IISS, Hugo Decis
- ▶ [Afghanistan and the UK's Illusion of Strategy](#)
RUSI, Michael Clarke
- ▶ [Belarus is new weapon in Putin's hybrid warfare arsenal](#)
CHATHAM HOUSE, Samantha de BERNER
- ▶ [The Next Big Refugee Crisis Just Started](#)
CSIS, Erol Yayboke
- ▶ [Beijing's American Hustle](#)
FOREIGN AFFAIRS, Matt Pottinger

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

AGOSTO



SETEMBRO



REFERÊNCIAS

- **A visita do Conselheiro de Segurança Nacional estadunidense à América do Sul**
MAZUI, G. [Bolsonaro recebe no Planalto conselheiro de Segurança Nacional dos EUA](#). **G1**, Brasília, 05 ago. 2021. Acesso em: 06 ago. 2021.
[US National security advisor set to visit Argentina, Brazil](#). **The Buenos Aires Times**, [s. l.], 02 ago. 2021. Acesso em: 06 ago. 2021.
 - **Impactos das altas emissões de metano do setor energético mexicano**
ESCHENBACHER, S. [Mexican methane leak rate alarming: for climate change, report says](#). **Reuters**, Cidade do México, 28 jul. 2021. Acesso em: 05 ago. 2021.
[‘Eye of fire’: Gas leak sparks huge blaze on ocean surface off Mexico](#). **The Guardian**, Londres, 03 jul. 2021. Acesso em: 05 ago. 2021.
 - **Comércio internacional: o setor portuário e o transporte marítimo pós-COVID nos Estados Unidos**
[Vessel Congestion Sets Two New Records in Southern California](#). **The Maritime Executive**, Plantation, 17 ago. 2021. Acesso em: 18 ago. 2021.
H. Gary. [Investing in port infrastructure for America’s post-COVID-19 recovery](#). **East Asia Forum**, Canberra, 25 maio 2021. Acesso em: 03 ago. 2021.
 - **O papel da Nigéria na busca pela autonomia na segurança do Golfo da Guiné**
[US Conducts Maritime Security Exercise in Gulf of Guinea with Allies](#). **The Maritime Executive**, Plantation, 15 ago. 2021. Acesso em: 19 ago. 2021.
DAUDA, O. [Why Nigeria quit maritime organisation](#). **The Nation**, Nova Iorque, 06 ago. 2021. Acesso em: 19 ago. 2021.
 - **Diplomacia energética da Etiópia: de conflitos às conciliações**
[Le Soudan envisage d’acheter de l’électricité à l’Éthiopie](#). **RFI**, San Jose, 09 ago. 2021. Acesso em: 20 ago. 2021.
ZANE, D. [River Nile dam: Why Ethiopia can’t stop it being filled](#). **BBC News**, Londres, 08 jul. 2021. Acesso em: 20 ago. 2021.
 - **O Brexit e os entraves a consolidação da estratégia “Great Britain”**
RIDDELL, George. BUNCH, Marc. [The UK has negotiated trade deals previously covered by its EU membership. We outline the status of these post-Brexit continuity deals](#). **EY**, [s.l.], 11 jun. 2021. Acesso em: 05 ago 2021.
BOFFEY, Daniel. [UK rejects EU’s Northern Ireland moves, saying Brexit deal must be renegotiated](#). **The Guardian**, Londres, 26 jul. 2021. Acesso em: 10 ago. 2021
 - **Tunísia e a suspensão de seu parlamento: o fim de um sonho árabe?**
[Tunisia’s democracy is in crisis. Here’s a timeline of key events](#). **Al Jazeera**, Doha, 26 jul. 2021. Acesso em: 29 jul. 2021.
HEARST, David. ULLAH, Areeb. [Top secret Tunisian presidential document outlines plan for ‘constitutional dictatorship’](#). **Middle East Eye**, Londres, 23 maio 2021. Acesso em: 02 ago. 2021
 - **A Estratégia de Segurança Nacional russa: novo capítulo para políticas climáticas?**
STAALESEN, A. [Climate change finds a place in Russia’s new National Security Strategy](#). **The Barents Observer**, Kirkenes, 06 jul. 2021. Acesso em: 07 ago. 2021.
 - CONLEY, H. [Climate Change Will Reshape Russia](#). **Center for Strategic and International Studies**, Washington, 13 jan. 2021. Acesso em: 07 ago. 2021.
 - **Evgueni Primakov e a cooperação sino-russa**
SMITH, H. [“Turkish Cypriot leader: The only way forward is a two-state solution”](#). **The Guardian**, Londres, 20 jul. 2021. Acesso em: 21 jul. 2021.
URAS, U. [“Turkey’s Erdogan Visits Northern Cyprus amid tensions with the EU”](#). **Al Jazeera**, Doha, 18 jul. 2021. Acesso em: 22 jul. 2021.
 - **Belt and Road Initiative e suas implicações geopolíticas no Sri Lanka**
DE SILVA, N. [From Non-Aligned to One Aligned](#). **Inter Press Service**, Londres, 04 jun. 2021. Acesso em: 19 ago. 2021.
MORAMUDALI, U. [The Economics of the China-India-Sri Lanka Triangle](#). **The Diplomat**, Arlington, 01 maio 2021. Acesso em: 19 ago. 2021.
 - **Projeção indiana no Oceano Índico: a construção de uma possível base militar nas Ilhas Maurício**
[India believed to be building naval facility on Mauritian island of Agalega](#). **The Economic Times**, Bombaim, 03 ago. 2021. Acesso em: 05 ago. 2021.
RITZEN, Y. [Agalega islanders fear for future due to secret Indian navy base](#). **Al Jazeera**, Doha, 03 ago. 2021. Acesso em: 05 ago. 2021.
 - **Crescente Parceria Estratégica - Estados Unidos e Indonésia**
[Indonesia joins US-led SEACAT military exercise amid ongoing tensions in South China Sea](#). **The Online Citizen**, [s.l.], 13 ago. 2021. Acesso em: 13 ago. 2021.
NIRMALA, R.; SYAMSUDIN, A. [Indonesia to Host US for Largest-Ever Army Joint Training](#). **Benar News**, Jakarta, 27 jul. 2021. Acesso em: 13 ago. 2021.
 - **O quebra-gelo USCGC Healy e a investida dos EUA no Ártico**
[Seattle-based icebreaker will make Northwest Passage transit in new Arctic mission](#). **The Seattle Times**, Seattle, 27 jul. 2021. Acesso em: 13 ago. 2021.
[Icebreaker Departs for Arctic Deployment, Circumnavigation of North America](#). **Seapower Magazine**, 19 jul. 2021. Acesso em: 13 ago. 2021.
- Capa: [USCGC Healy \(WAGB-20\) north of Alaska](#).
Por: Wikimedia Commons.
- Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Bruno Gonçalves

▶ ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO — Crise estrutural: [Taliban attacks resistance fighters in last holdout region of Afghanistan](#). **Financial Times**, 23 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.
- HAITI — Crise estrutural: [Haïti piégée par ses urgences invisibles](#). **Le Nouvelliste**, 20 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.
- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Millions ‘onde step way’ from famine in Yemen, UN warns](#). **Al Jazeera**, 24 ago. 21. Acesso em: 24 ago. 2021
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [After Rwanda has done the heavy lifting in Mozambique, Museveni says he now wants in](#). **The New Times**, 23 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.
- MYANMAR — Golpe militar: [Myanmar military arrests more journalists](#). **Reuters**, 22 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Fresh Venezuela talks set for September; opposition leader freed](#). **Reuters**, 16 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

▶ MÉDIO RISCO:

- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Poland to build fence, double troop numbers on Belarus border](#). **Al Jazeera**, 23 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021.
- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopia's Tigray crisis: US accuses Abiy's government of blocking aid](#). **BBC News**, 20 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Iran is ready to sip more fuel to Lebanon if needed](#). **Al Jazeera**, 23 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021.
- MALI — Instabilidade política: [Premier anniversaire du coup d'Etat au Mali](#). **DW**, 18 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.
- NÍGER — Aumento da atividade terrorista: [Niger: Surging Atrocities by Armed Islamist Groups](#). **Human**

Rights Watch, 11 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

• SÍRIA — Insegurança regional: [Deadly siege: Syrians trapped in Derraa after regime attack](#). **Al Jazeera**, 23 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021.

• SOMÁLIA — Crise eleitoral e humanitária: [Somalia is walking in Afghanistan's footsteps](#). **Al Jazeera**, 23 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

• TUNÍSIA — Parlamento suspenso pelo presidente: [Tunisia's President Kais Saied extends suspensions of parliament](#). **Al Jazeera**, 24 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças com Rússia: [Is Ukraine's split from Russia now irreversible](#). **Atlantic Council**, 23 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021.

► MONITORAMENTO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenian PM unveils death toll of servicemen from Karabakh conflict](#). **TASS**, 24 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021.

• COLÔMBIA — Crise estrutural: [Cruzar la frontera, un negocio de \\$1.900 millones](#). **El Colombiano**, 22 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

• GUATEMALA — Crise política: [Cuarto día de protestas en esta semana para pedir la renuncia de Giammattei y Porras](#). **El Periódico**, 20 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

• GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: ['Gulf of Guinea accounts for 95% of kidnapped crew'](#). **The Nation**, 17 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

• IRÃ E TADJIQUISTÃO — Crise migratória afegã: [Afghanistan: Where will refugees go after Taliban takeover](#). **BBC**, 23 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021.

• LÍBIA — Em cessar-fogo: [Libya: Khalifa Haftar prepares for battle](#). **The Africa News**, 20 ago. 2021. Acesso em: 24 jul. 2021.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [Why the EU Sides with Southeast Asia in the South China Sea Dispute](#). **Voice of America**, 21 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

• MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Ocupação do Chipre e tensões entre Grécia e Turquia: [Cyprus to strip passports from Turk Cypriot officials](#). **Reuters**, 23 ago. 2021. Acesso em: 24 ago. 2021

• NICARÁGUA — Crise política: [José Miguel Vivanco: "Ortega se enterrará el 7 de noviembre", sin legitimidad](#). **Confidencial**, 23 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.

• TAILÂNDIA — Insatisfação popular pelo controle feito à pandemia: [Protesters, Police Clash in Thailand Vaccine Protests](#). **Human Rights Watc**, 13 ago. 2021. Acesso em: 23 ago. 2021.